

CPUCOM
até 24/5

" O DRAGÃO GULOSO "

Texto de BIRATÃ VIEIRA

Personagens/atores:

- 1 - Velho
- 2 - Cirilo, Sobno
- 3 - Flora, Cláudia, Natália, Mulher, Graça
- 4 - Flora, Simone, Estrela, Lavadeira, Graça
- 5 - Sobna, Graça
- 6 - Letícia
- 7 - Fauno, Guarda, Povo, Homem



Clareira de uma floresta. Sol quente e gostoso de verão. Ao longe ouvem-se os gritos de meninos que se banham no rio. Borboletas voam por entre as árvores; faunos passam perseguindo-as e brincando com as folhas secas. O espírito da floresta, uma moça muito bonita vestida de flores e folhas, corta a cena com movimentos delicados e harmoniosos. O velho muito velho sai de sua casa-árvore com um balde na mão e dirige-se para o rio. Todo o clima é de muita beleza e alegria. De repente todo esse clima é quebrado pelo som forte de uma música pesada e distoante; todos páram. Os olhares voltam-se para o alto do morro, para a cidade. A música lembra uma banda desafinada e imprecisa. O ritmo da cena altera-se e as personagens já não tem a alegria e a descontração do início. O velho retoma seu caminho até o rio. Novo som estridente, mais forte ainda, invade o ar. Todos param novamente e voltam a olhar para cima. O velho volta com o balde d'água, meio contrariado. Todos sentem-se incomodados com a música (?) que vem do alto. A cada corrida ou brincadeira dos faunos é interrompida por uma nota dissonante. Os movimentos harmoniosos de antes dão lugar a gestos bruscos, quebrados e grosseiros. Seriam cômicos se não fossem trágicos. Os seres elementais desaparecem apavorados. O velho molha as raízes de sua casa-árvore. Os gritos dos meninos aproximam-se. Eles vem correndo, molhados do rio, com frutas e raízes para o dragão. Ao verem o velho param de repente.

CIRILO - Olha o velho!

SIMONE - Tá molhando a casa. Hihhi!

CLÁUDIA - (cantando) Era um velho tão velho velho
que velho velho mais enrugado.
Era um velho tão velho velho
que de tão velho não tem mais casa.

CIRILO - Psiu! Não mexe com ele, coitado.

CLÁUDIA - A minha mãe disse que a gente não deve chegar muito perto da casa dele.

CIRILO - Não sei porquê. Ele é só um velho que mora numa árvore.

SIMONE - Mas só mesmo um velho maluco ia morar numa árvore.

CLÁUDIA - A minha mãe disse que quando a minha vó era menina ele já era velho assim e morava nesta árvore.

SIMONE - É mesmo?

CLÁUDIA - É sim. A minha mãe disse que a avó da minha avó contava que ele já morava aqui muito, mas muito tempo antes da cidade aparecer lá em cima.

SIMONE - Ah, mas então ele é mesmo um feiticeiro!

CLÁUDIA - Claro que é. E tem mais, ele não gosta do nosso dragão. A minha mãe disse que o dragão é o símbolo de Fatura, e quem não gosta do dragão é contra a nossa cidade.

SIMONE - (para Cirilo que observa o velho molhando a árvore) Viu? Só pode ser um feiticeiro!

CIRILO - Não é.

SIMONE - É.



- CIRILO - Não é, não. Ele é um velho bom. Quando o rio secou, ele mostrou um poço no meio da floresta que só ele conhecia.
- CLÁUDIA - A minha mãe disse que a água do poço era muito ruim.
- SIMONE - É sim, era muito ruim.
- CIRILO - Quando tem alguém doente, muito mal, ele sempre sabe que planta se usa pra fazer chá. Ele cura as pessoas.
- CLÁUDIA - A minha mãe disse que isso é coisa de feiticeiro.
- CIRILO - A minha mãe disse, a minha mãe disse, a minha mãe disse! Vocês são umas chatas medrosas.
- SIMONE - Ai, ai! Se tu é tão valente, por que tu não vai lá então?
- CIRILO - Eu vou mesmo.
- SIMONE - Então vai.
- CIRILO - Claro que eu vou.
- SIMONE - Vai, o que é que tu tá esperando?
- CIRILO - Ué, nada.
- CLÁUDIA - Olha só o valente. As pernas dele estão tremendo de medo.
- SIMONE - Valente, valente. Tão valente que tá batendo os joelhos.
- CIRILO - É mentira. Não tô tremendo, nada.
- MENINAS - Tá tremendo, tá tremendo, tá tremendo!!!
- CIRILO - É mentira, é mentira, é mentira!
- CLÁUDIA - Mentira pé de embira.
- MENINAS - Tua calça tá em tira!
- CIRILO - Vocês vão ver!
- CLÁUDIA - Será que ele vai mesmo?
- SIMONE - Não sei.
- CIRILO - (aproximando-se do velho) Bom dia.
- VELHO - Bom dia.
- CIRILO - Tava tomando banho no rio.
- VELHO - ...
- CIRILO - Quer uma fruta?
- VELHO - ?... Quero. Obrigado.
- CIRILO - É verdade o que eles dizem?
- VELHO - O que é que eles dizem?
- CIRILO - Que...que...que...
- VELHO - Que o quê?
- CIRILO - Que o senhor é muito velho.
- VELHO - E não dá pra ver que eu sou velho?
- CIRILO - Claro que dá. Não! Não dá, não!
- VELHO - Não?
- CIRILO - Quer dizer, acho que sim, mas
- VELHO - Como é o seu nome?
- CIRILO - Cirilo.
- VELHO - Cirilo! (sorri)

(Música pomposa do alto.)



- CLÁUDIA - Olha o Sobno!
- SIMONE - Ele já vem descendo, vai começar a festa do dragão.
- CLÁUDIA - Vamos buscar as flores.
- POVO - Lá vem o Sobno. Sobno! Sobno!
- (Entram Cláudia e Simone com um fio de bandeirinhas coloridas e quirlandas de flores. Correm em direção à caverna. A cena fica toda colorida pelas bandeirinhas e quirlandas.)
- CIRILO - Eu vou levar comida pro dragão. O senhor quer outra (oferece a fruta)?
- VELHO - Não, uma chega.
- CIRILO - Então, até logo.
- VELHO - Até logo.
- CIRILO - Mas o senhor é muito velho mesmo?
- VELHO - Sou.
- CIRILO - Quanto?
- VELHO - O suficiente.
- (Cirilo corre em direção à caverna. Música e brados retumbantes, aplausos, do povo. É a chegada dos soberanos.)
- POVO - Salve o Sobno! Salve o Sobno! Viva! Viva! Viva!
- (O velho senta-se na raiz de sua casa e fica pensativo, ouvindo o discurso do Sobno.)
- SOBNO - Amado povo! Mais uma vez aqui estamos reunidos para saudar aquele que tem sido a alegria da nossa cidade: o nosso amado dragão.
- POVO - Viva! Viva! Viva! Viva!
- SOBNO - Pois a cada ano que passa está mais bonito, e isso graças à contribuição de todos vocês. O dragão, meus amados súditos, é um orgulho para todo o povo de Fartura.
- POVO - Viva o dragão! Salve o dragão.
- (Entra Letícia como se não quisesse ser vista. Vem devagar e quase se encosta no velho, sem vê-lo. Apóia-se no velho como se ele fosse uma árvore.)
- VELHO - Hum-hum!
- LETÍCIA - Oh! Perdão! Desculpe, como vai o senhor? Quer dizer, bom dia; muito prazer, até logo.
- VELHO - Ei, espere! Eu também gostaria de dizer alguma coisa. Se me permitires, é claro!
- LETÍCIA - Pois não, senhor. Quer dizer, sim, senhor, ou melhor, é claro, senhor.
- VELHO - Estás com pressa?
- LETÍCIA - Sim senhor, quer dizer, não senhor. O senhor é o
- VELHO - Sou o velho da árvore, sim.
- LETÍCIA - Sim senhor.
- VELHO - Você também veio festejar o dia do dragão?
- LETÍCIA - Não senhor.
- VELHO - ?!?! Os seus pais, onde estão? Sua mãe sabe que voce está aqui?
- LETÍCIA - Meu pai já morreu. Eu vim escondida. A minha mãe não quer que eu venha aqui.



- VELHO - E por quê?
- LETÍCIA - Ela diz que é bobagem gastar comida com o dragão.
- VELHO - Hum. E quem é a sua mãe?
- LETÍCIA - É o músico da cidade. Mas ela se recusou a fazer o hino do dragão. O Sobno está furioso!
- (Gritos e fanfarras na caverna do dragão. O Sobno acena para a multidão.)
- LETÍCIA - O senhor acha que o dragão está crescendo muito?
- VELHO - Quanto mais comida derem para ele, mais ele cresce.
- LETÍCIA - E quando o senhor conheceu ele, ele já era grande?
- VELHO - Não, era apenas uma lagartixa.
- LETÍCIA - Uma lagartixa?
- VELHO - É, uma lagartixa. Quando as pessoas começaram a trazer comida para ele, não passava de uma lagartixinha. Comeu tanto, que acabou crescendo como um dragão, e se tornou o símbolo da cidade. Agora, todo mundo vem ver o dragão. Trazer comida para o dragão. Fazem até música para o dragão.
- (Grande barulho como se o morro estivesse desmoronando. Gritos de pavor.)
- SOBNO - Calma, meu povo, calma. Está tudo calmo. Está tudo sobre controle.
- DRAGÃO - GGGRRRRRRRRRRRR!!!!!!!
- CLÁUDIA - (vem correndo para junto do Velho e Letícia) O dragão está furioso. Começou a se mexer na caverna e a cidade está quase desmoronando.
- DRAGÃO - GGGGGRRRRRRRRRRRGRGRGRGRGR!!! GRGRGRGRGR!!! GRGRGR!!!
- CLÁUDIA - Olha! Ele está devolvendo os presentes.
- LETÍCIA - Mas ele sempre devora tudo o que se traz para ele comer!
- VELHO - Agora ele comerá o que quiser. É grande e forte o suficiente para ninguém lhe negar nada.
- LETÍCIA - Se ele continuar se mexendo desse jeito, a cidade toda vem a baixo.
- SOBNO - O dragão está furioso mas também não é motivo para pânico, afinal, hoje é um dia de festa. Calma, meu povo, é o seu soberano que está garantindo que nada de mal pode lhes acontecer. Eu ficarei aqui, firme no meu posto, enquanto um só súdito estiver em perigo. Vejam, meu amado povo, aqui
- DRAGÃO - GGGGGGGGGGGRRRRRRRRRRRRRGRGRGRGRGR!!!
- SOBNA - Uau!!! Socorro!
- SOBNO - Guardas, guardas! Tirem-me daqui, imediatamente. Andem, seus palermas, o que é que estão esperando? Que este lagarto duma figa me engula inteiro?
- DRAGÃO - GGGGGRRRRRRRRRR!!!
- SOBNO - Aiiii!! Me acudam que eu vou ter um troço.
- LETÍCIA - Será que a gente não pode fazer nada?
- VELHO - Experimente tocar sua flauta.
- (Letícia puxa sua flauta da cintura e começa a tocar. Uma grande estrela reluzente passa pela floresta seguida de uma onda de paz e tranquilidade. O dragão como que encantado adormece.)
- SOBNA - Molengas! Acudam o Sobno. Coitadinho, ele desmatou. Não fujam, seus covardes. Acudam aquele que quase morreu para salvar o povo que tanto ama. Não fujam! Voltem aqui, seus fedorentos!



- LETÍCIA - O povo todo sumiu.
- SOBNA - Coitadinho, tã todo suado. Pobrezinho do Sobno. Quem tocou essa música maravilhosa e salvou a vida do nosso amado Sobno? Quem? Quem foi? Ora, vamos, não seja tímido. Imagine, um artista deste quilate! Então? Afinal, vai ou não vai responder? É a Sobna quem está perguntando, seus nojentos!
- LETÍCIA - Eu.
- SOBNA - Eu quem? Fala mais alto, sua pamonha.
- LETÍCIA - Eu. Aqui!
- SOBNA - Até que enfim. Chega mais perto. Oh! Que coisa mais querida. Uma menina salvou o nosso amado Sobno. Vem cá, meu amor!
- LETÍCIA - Eu só toquei a minha flauta. Quer que eu chegue mais perto?
- SOBNA - Anda dum vez, gurria.
- LETÍCIA - Sim senhora, desculpe. Aqui está bem?
- SOBNA - Aich! Uma gurria deste tamanho e boca aberta desse jeito. Mais perto! Ai, que riquinha! Como é o teu nome, meu bem?
- SOBNO - Ui! Ai! Ai!
- SOBNA - Aich! Aich! Uich! Aich!
- SOBNO - Uich! Uich! Aich! Uich!
- SOBNO - Aich! Eich! Ich! Oich! Uich!
- SOBNO - Aich! Que tremenda tragédia tão trágica.
- SOBNA - Traagessíssima!
- SOBNO - Abateu-se sobre nós!
- SOBNA - Amado Sobno, veja quem salvou as nossas preciosas vidas e toda a nossa cidade.
- SOBNO - Quem?
- SOBNA - Se não fosse ela, nós seríamos esmagados pela fúria desse imenso e maravilhoso dragão. Por que aqueles outros cretinos deram no pé e nos deixaram na mão?
- SOBNO - A guarda de honra está desonrada. E esse povinho safado vai ver só o imposto que terá que pagar.
- SOBNA - Mas, querido Sobno, ela não é um amor?
- SOBNO - Ela quem?
- SOBNA - A menina.
- SOBNO - Que menina?
- SOBNA - A da música.
- SOBNO - Que música?
- SOBNA - Que nos salvou!
- SOBNO - Ah! ??? É?
- SOBNA - É. Depois que o digníssimo Sobno
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - desmaiou, esta encantadora menininha, com sua pequena e adorável flauta tocou uma música tão maravilhosa, tão maravilhosa, mas tão maravilhosa que o dragãozinho adormeceu!
- SOBNO - Mas que maravilha! E onde está ela?



- SOBNA - Aqui! Não, ali! Não. Ei, gurria, onde é que tu te meteu?
- LETÍCIA - Estou aqui, senhora.
- SOBNA - Chega mais perto. Olha, você está tendo a graça de cumprimentar o digníssimo Sobno.
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - Amado Sobno, ela não é uma graça?
- SOBNO - Ela, ela. Ai! Ai! Ai!
- SOBNA - Aich! Aich! Uich! Aich!
- SOBNO - Tá errado!
- SOBNA - Como errado?
- SOBNO - Tu só faz Aich! Aich! Uich! Aich! quando eu disser Ui! Ai! Ai!
- SOBNA - Perrrdão! Mas o digníssimo Sobno
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - fez Ui! Ai! Ai!
- SOBNO - Não senhora! Eu fiz Ai! Ai! Ai!
- SOBNA - Ohch!!!
- SOBNO - Ela!
- SOBNA - Ela?
- SOBNO - Ela!
- SOBNA - Ela?
- SOBNO - Eeeeelllllaa!
- SOBNA - Ela! Ela! Ela! Mas "ela" quem?
- SOBNO - A menina!
- SOBNA - Ah! A menina, claro! Ela não é maravilhosa?
- SOBNO - Maravilhosa, coisa nenhuma.
- SOBNA - Mas como? Ela nos salvou a vida e alguém que salva a vida de alguém é sempre maravilhoso. Principalmente se esse alguém é o digníssimo Sobno.
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - Portanto, ela é o nosso herói, nosso ídolo, enfim, um exemplo a ser seguido.
- SOBNO - Tá errado.
- SOBNA - Tá errado?
- SOBNO - Tá errado.
- SOBNA - Mas como? Será que hoje eu não acerto uma?
- SOBNO - Ela é filha da música.
- SOBNA - Não?!?!?!?
- SOBNO - Sim!!!
- SOBNA - Então ela é filha daquela ingrata que recusou-se a compor um hino ao dragão?
- SOBNO - Ela mesma.
- SOBNA - Escuta, guriazinha, como é que tu tens coragem de ser filha daquela mulher horrível que faz uma péssima música?
- LETÍCIA - Eu tenho muito orgulho da minha mãe. E a música que ela faz não é horrível, não senhora, é linda!



- SOBNA - Oh! Mas que petulante, você viu?
- SOBNO - Filho de peixe, peixinho é! És igualzinha à tua mãe, aquela ingrata. Por culpa dela o nosso dragão revoltou-se. Coitadinho. Sem um hino no dia de sua festa, ele só podia se revoltar. Não é?
- SOBNA - Claro! Claríssimo! A prova disso é que quando ele ouviu a flauta ficou quietinho. Ele precisava de uma música. Veja, digníssimo Sobno
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - o nosso símbolo dorme docemente.
- SOBNO - Não é maravilhoso? Pois bem, minha menina, o caso é bastante simples. Serás colocada à beira dessa caverna e sempre que o nosso dragão ficar "indisposto"...
- SOBNA - Hihihihhi! Que espirituoso!
- SOBNO - tocarás a tua flauta para acalmá-lo.
- SOBNA - Eis mais uma prova da infinita bondade do nosso digníssimo Sobno.
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - Rejubila-te, menina! Curva-te em agradecimento ante teu digníssimo Sobno.
- SOBNO - (vênia)
- LETÍCIA - Perdoe-me, excelência, mas eu não vou tocar a minha flauta para esse dragão guloso, não senhor.
- SOBNA - Oh! Oh! Oh!
- SOBNO - O quêêê??? Recusas-te a cumprir a minha ordem?
- LETÍCIA - Senhor, minha mãe diz que a música deve ser tocada para trazer o encanto e a alegria para as pessoas. Eu não posso tocar para o dragão que faz as pessoas correrem de medo. Ele não é um bom dragão.
- SOBNA - Mas a petulância dessa pirralha!
- SOBNO - Alto lá, minha menina. Vejamos, humm, ah! A questão é muito simples.
- SOBNA - Simplesíssima!!!
- SOBNO - ?!
- SOBNA - (vênia)...
- SOBNO - Você não gostaria de ver as pessoas assustadas e tristes, certo?
- LETÍCIA - Sim senhor.
- SOBNO - Acho que tem toda razão. Ninguém mais do que eu deseja a paz, a abundância e a alegria para o meu amado povo, certo?
- LETÍCIA - ...
- SOBNA - Certíssimo!
- SOBNO - Então vejamos: se você tocar para o nosso dragão, ele ficará tão calmo que as pessoas não mais se assustarão. E não se assustando, serão alegres e cheias de encanto pela vida.
- SOBNA - Brilhante raciocínio, digníssimo Sobno!
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - As pessoas ficarão alegressíssimas.
- LETÍCIA - Mas o medo das pessoas vai voltar sempre que o dragão se mexer.
- SOBNO - Mas isso não mais vai acontecer.



- SOBNA - Não?!
- SOBNO - Não. Porque a minha jovem artista ficará aqui e tocará sempre que o nosso dragão quiser assustar as pessoas.
- LETÍCIA - Então vou ser obrigada a ficar para sempre aqui nesta caverna?
- SOBNO - Mas você estará cumprindo com o seu sagrado dever de cidadã.
- SOBNA - Você não quer que as pessoas sejam alegres?
- LETÍCIA - Sim, é claro que eu quero ver todo mundo contente.
- SOBNO - Pois eis aí sua chance de fazer algo digno pelo seu povo, por você mesma e pelo seu país.
- SOBNA - Brilhante! Brilhantíssimo!!!
- SOBNO - (vênia)
- LETÍCIA - Senhor, se eu tiver que passar toda a minha vida aqui tocando para o dragão, vou me sentir muito infeliz. E aí a minha música não vai alegrar as pessoas.
- SOBNA - Aíh! E por que é que tu precisas decidir isso agora? O importante, minha filha, é que o dragão precisa da música para se acalmar.
- LETÍCIA - Desculpem, mas eu não posso.
- SOBNO - Não pode? Hahahahaha! Mas isto é brincadeira.
- SOBNA - É sim, é pura brincadeira. Hahaha! É brincadeirinha!
- LETÍCIA - Não! Eu não posso tocar.
- SOBNO - Como não podes?
- SOBNA - Pois é, como não podes? Estás sentindo alguma coisa?
- LETÍCIA - ...
- SOBNO - Eu estou te ordenando!
- SOBNA - Palavra de Sobno não se questiona.
- LETÍCIA - ...
- SOBNO - Toca!!!
- SOBNA - Toca, minha filha, toca. Olha, o Sobno vai ficar brabo. Toca, queridinha, toca!
- LETÍCIA - ...
- SOBNA - Anda, menina, toca. É o Sobno quem está ordenando!
- LETÍCIA - Não!
- SOBNO - Guardas! Guardas, prendam-na!
- SOBNA - Andem, seus molengas! Ela está fugindo!
- SOBNO - Peguem-na! Prendam-na! Cortem-lhe as orelhas!
- SOBNA - Corram! Segurem-na! Cortem-lhe as unhas!
- SOBNO - ???
- SOBNA - ???
- VELHO - Ei, menina! Menina!
- LETÍCIA - Quem é?
- VELHO - Aqui, na árvore.
- LETÍCIA - Ah, é o senhor.
- VELHO - Por que toda essa pressa?
- LETÍCIA - Preciso procurar minha mãe. Tenho que falar com ela.
- VELHO - Calma. O que aconteceu?



- LETÍCIA - A minha mãe corre perigo.
- VELHO - Mas, por quê?
- LETÍCIA - O Sobno está furioso comigo. Acho que compliquei as coisas.
- VELHO - Ah, sim?
- LETÍCIA - É, eu me recusei a ficar tocando a minha flauta para acalmar o dragão.
- VELHO - Ah é, se você se recusou a cumprir as ordens do Sobno, realmente deve estar em apuros.
- LETÍCIA - Mas eu não quero passar o resto da minha vida tocando flauta para o dragão.
- VELHO - O Sobno é muito rígido quando as suas ordens não são obedecidas.
- LETÍCIA - Mas esse dragão só come e assusta as pessoas!
- VELHO - Pois é. E sua mãe, o que diria de tudo isso?
- LETÍCIA - Tenho certeza que ela me daria razão.
- VELHO - Então ela não diria que você complicou as coisas.
- LETÍCIA - Mas eu não queria que o Sobno ficasse furioso comigo.
- VELHO - Pois é.
- LETÍCIA - O senhor me entende?
- VELHO - Claro, nem sempre é fácil fazermos aquilo que achamos o mais justo. Mas uma vez tomada a decisão, temos que agüentar a desaprovação das outras pessoas. E isso realmente não é muito gostoso.
- LETÍCIA - Eu também não quero que o dragão assuste as pessoas.
- VELHO - Não se esqueça que se o dragão está assim tão grande, forte e assustador, é porque as pessoas sempre o alimentaram bem.
- LETÍCIA - É. É verdade. Então eu vou indo. A minha mãe vai ficar preocupada se eu demorar a chegar em casa.
- VELHO - Espere mais um pouco, deixe as coisas se acalmarem. Depois você vai.
- CIRILO - Depressa. Corre pra casa.
- LETÍCIA - O que foi?
- CIRILO - A tua mãe.
- LETÍCIA - Que houve com a minha mãe?
- CIRILO - Ela foi presa.
- LETÍCIA - Viu? Eu sabia que ela corria perigo.
- VELHO - Calma, calma, calma. Primeiro temos que saber o que aconteceu. Vamos, conte-nos tudo.
- CIRILO - Quando o Sobno ia voltando daqui, uma pedra caiu na cabeça dele e ele desmaiou. A Sobna, aos gritos, chamou os guardas que restaram e levaram ele pro palácio. Depois ela mandou prender a tua mãe, acusando-a da fúria do dragão e do acidente do Sobno.
- LETÍCIA - Mas isso não é verdade.
- CIRILO - E hoje mesmo ela vai ser levada para a caverna para ser devorada pelo dragão.
- LETÍCIA - Preciso ajudar minha mãe. Eu também sou culpada. Se não tivesse desobedecido o Sobno, ela não estaria presa.
- VELHO - É melhor você ficar aqui comigo. Agora de nada valerá a sua presença lá



em cima.

- LETÍCIA - Tenho que ir. A mãe deve estar preocupada comigo.
- VELHO - Ela vai ficar mais preocupada ainda se souber que você está se expondo desse jeito.
- LETÍCIA - Mas...
- VELHO - Por favor, confie em mim.
- (Trombetas tocam anunciando a presença real. A guarda de honra reduziu-se a dois guardas.)
- SOBNA - Atenção, povo de Fartura. Prestem muita atenção. Este é um momento muito importante para a nossa cidade. Aqui e agora se faz o restabelecimento da ordem e da justiça. Infelizmente, o nosso amado e digníssimo Sobno, (vênia para o alto) aqui não está conosco, vítima que foi de uma terrível cilada. Uma pedra imensa e malvada caiu sobre a sua real cabeça, deixando-o desacordado. Oh! Que tragédia, meu povo. Precisavam ver o galo que cresceu na cabeça do coitadinho. Guardas! Tragam a imensa pedra que quase titrou a preciosa vida do nosso digníssimo Sobno (vênia para o alto).
- (Os guardas trazem uma pedra minúscula.)
- SOBNA - Vejam todos. Ei-la! Olhem bem. Esta é a pedra causadora de toda a nossa desgraça.
- LETÍCIA - Mas é uma pedrinha de nada!
- VELHO - Sim!
- SOBNA - E agora eu pergunto-lhes, meu amado povo de Fartura. Quem atirou esta pedra? Hum? Quem?!
- CIRILO - Ninguém atirou nada. Foi um desmoronamento que derrubou as pedras sobre o Sobno.
- SOBNA - Então, meu povo? Não são capazes de responder à minha pergunta?
- VELHO - É melhor entrarmos. Venham, meninos. Letícia, é melhor que não a vejam agora.
- SOBNA - O meu amado povo está em dificuldade. Não querem apontar aquela que é a única culpada de nossa tragédia.
- CIRILO - Não existe culpado nenhum. Foi apenas um acidente.
- SOBNA - Cala a boca, menino. Isso não é assunto de criança.
- CIRILO - Eu estava lá perto quando começou a desmoronar o velho muro de entrada da cidade. Ninguém teve culpa.
- SOBNA - Escuta aqui, guri, eu já não falei para não te intrometeres nos assuntos dos mais velhos? Então, meu povo? Pois eu lhes direi quem é o culpado. Ou melhor, a culpada.
- CIRILO - Se alguém é culpado de alguma coisa é o dragão, que a cada rebolada sacode toda a cidade.
- SOBNA - Ah! Quer fazer gracinha, é? Guardas, levem esse atrevido ali atrás das árvores e deem-lhe umas boas chicotadas. E isso que ele está merecendo.
- (Guardas carregam Cirilo.)
- CIRILO - Ai, ai, ai, ai!
- SOBNA - Hahahahaha!! Vejam quem está rebolando. Hahaha!



- LETÍCIA - Malvada! Ela não pode fazer isso com Cirilo.
- VELHO - Volte aqui, Letícia! Fique quieta.
- LETÍCIA - Mas isso é covardia. Não podem bater num menino assim.
- VELHO - E você quer que eles batam em você também? Fique quieta e volte para dentro. Vamos esperar um momento melhor para agir.
- SOBNA - Bem, meu povinho. Eu lhes refresco a memória num instante. Guardas! Traçam aqui aquela nojenta. (Aparece Natália entre os guardas.) Ei-la, meu povo. A mulher que quase matou o nosso digníssimo Sobno. (vênia para o alto). Natália, a música.
- LETÍCIA - Não! Mamãe. Mamãe!
- VELHO - Letícia! Volte aqui, Letícia! Volte.
- NATÁLIA - Letícia! Não se aproxime. Fuja, Letícia. Fuja!
- SOBNA - Ora, ora, ora. Vejam só quem está nos dando a honra com sua presença?
- LETÍCIA - A senhora não pode acusar minha mãe. Ela é uma mulher justa. Além disso, todos sabem que ninguém teve culpa do acidente.
- SOBNA - Não foi acidente, todos concordam que
- LETÍCIA - Foi um acidente sim, senhora.
- NATÁLIA - Cale-se, Letícia. Vá embora. Vamos, obedeça!
- LETÍCIA - Desculpe, mãe, mas eu não posso ficar quieta enquanto a senhora é acusada injustamente. A minha mãe é inocente. A Sobna tem que acreditar nisso.
- VELHO - Venha, Letícia. Senhora Sobna, com licença, que nós já vamos indo.
- SOBNA - Com licença coisa nenhuma, seu velhote espertalhão, você pode ir, mas a menina fica.
- NATÁLIA - Senhora, deixe a minha filha ir. Se eu sou a única culpada, é justo que ela fique livre.
- VELHO - Acho que é perfeitamente razoável, vamos Letícia. Com licença.
- SOBNA - Só um momentinho, por favor.
- VELHO - Pois não, excelência.
- SOBNA - Acontece que eu não sou tão burra como vocês estão pensando. Preciso muito da menina. Ela tocará flauta para acalmar o nosso dragão.
- VELHO - Mas excelência...
- SOBNA - Cale-se, a menina fica. E vamos acabar logo com isso. Guardas! Levem Natália para a boca da caveira. Muito bem. Natália,
- NATÁLIA - Eu sou inocente.
- SOBNA - Cale-se. Por ter praticado crime atentando contra a vida do nosso digníssimo Sobno (vênia para o alto), você é afastada das funções de musicista da corte, cargo que ocupava desde a morte do seu marido, e será oferecida para o nosso dragão.
- LETÍCIA - Não. Mamãe, não! A senhora não pode fazer isso.
- NATÁLIA - Acalme-se, Letícia. Fique calma.
- VELHO - Senhora, por favor, seja razoável.
- SOBNA - Cale a boca, já disse. Guardas, vamos, acabem logo com isso.
- LETÍCIA - A senhora é mãe, muito mãe. Sua bruxa.
- SOBNA - Sim, minha querida. Eu sei que sou mãe. E não pense que isso não me entristece. E como! Mas o que fazer? São os cavacos do ofício. Queridinha, o nos-



so dragão a espera. Ninguém melhor para executar a justiça senão aquele que é o nosso símbolo.

- NATÁLIA - Por favor, senhora.
- VELHO - Francamente, fazer uma coisa dessa na frente de uma menina.
- SOBNA - Se me der mais um pio, você também vai parar na barriga do dragão. Se bem que isto é tão velho que pode até quebrar os dentes do pobrezinho. Hahaha! Para a caverna!
- LETÍCIA - Mamãe, mamãe! Sua bruxa nojenta!
- SOBNA - Veja! Sua mãe faz parte da nossa constelação. Como brilha. Acabo de lhe fazer um grande favor, afinal, ela era uma musicista tão inexpressiva!
- VELHO - Cuidado, senhora, tenha muito cuidado. O sol, que é a fonte de nossa vida, começará a escurecer na mesma proporção que o dragão crescer.
- SOBNA - Mesmo que o sol se apague, teremos a luz do nosso dragão. E ela será tão forte que iluminará todo reino. Não se preocupe, já não precisamos mais da luz do sol.
- VELHO - Mas senhora, o preço a pagar é muito alto. A partir de agora, o dragão exigirá sempre mais e mais pessoas para comer. Muitas vidas serão cortadas para alimentar a fome do dragão.
- SOBNA - Olha aqui, seu profeta de meia tigela, eu já estou farta de lero-lero. Chega, definitivamente chega!
- VELHO - A senhora precisa...
- SOBNA - Chega, chega, chega. Suma-se!!!
- LETÍCIA - Veja, senhor, está escurecendo.
- VELHO - Sim, Letícia, agora virá a escuridão total.
- POVO - Está ficando escuro, está escurecendo!!
- LETÍCIA - Como o dragão ficou brilhoso.
- VELHO - E vai ficar muito mais, Letícia. De agora em diante ele começa a absorver a luz do dia.
- LETÍCIA - Foi por cau-sa da minha mãe?
- VELHO - A primeira vida foi oferecida ao dragão. Ele vai exigir mais. E a cada pessoa que ele comer, mais um ponto luminoso no seu corpo vai nascer.
- POVO - Socorro!! Todas as luzes se apagam! Está tudo escuro como breu. Precisamos de luz. Luz! Luz, luz! Luz!
- SOBNA - Calma, meu povo, calma. Precisamos manter a calma. Não se preocupem, será providenciada a iluminação para toda a cidade.
- MULHER - Mas excelência, não adianta acender qualquer lampião ou vela, tudo se apaga, por mais que se tente.
- LAVADEIRA - A escuridão está engolindo a luz.
- HOMEM - Maldição. A cidade está amaldiçoada.
- POVO - Maldição, maldição! Maldição!
- SOBNA - Vejam! Ele volta a brilhar, iluminando toda a nossa cidade. Vejam como é lindo. É o nosso símbolo. O símbolo de Partura.
- DRAGÃO - GGGGRRRRRRRRRR!!!
- POVO - Ele está se mexendo! Todo o morro começa a tremer. Socorro, socorro!
- (Toda a floresta é sacudida por um forte tremor. Os seres elementais correm



fugindo da luz do dragão. Uma bruma amarelada cobre tudo. A floresta é totalmente despojada de seu verde.)

SOBNA - Guardas, guardas! Tragam a menina para a entrada da caverna e ponham correntes em seus pés. Vamos, menina, toque a flauta!

LETÍCIA - Não, eu não tocarei.

DRAGÃO - GGGGGGRRRRRRRRR!!!!

SOBNA - Vamos, toque!

LETÍCIA - Não!

SOBNA - Você quer que toda essa gente inocente seja esmagada?

POVO - Socorro! As casas estão desabando. Socorro! Socorro!

VELHO - Toque, Letícia.

LETÍCIA - Está bem.

(A música de Letícia inunda toda a cena. O dragão vai se acalmado até dormir profundamente. A escuridão é quebrada pelo acende-apaga da luz do brilhante dragão.)

SOBNA - Uffs! Ainda bem que parou. E você menina, não pare de tocar. Do contrário, muitas vidas serão ceifadas. E nós não queremos isso, não é verdade? (bocejando) (que soninho! Guardas, levem-me imediatamente para o castelo. Vamos, carreguem-me. Ou vocês pensam que eu vou andar a pé nessa escuridão? Ai, cuidado seus paspalhos, me segurem. Ai, estou caindo. Ui, ui. Sai daí, tira essa pata suja de cima de mim, seu animal. Ai. Vamos, levantem-me. Nojentos! Devagar! Ai, vamos. Ai. Vai dar cadeia, cadeia pra todos vocês.

(O dragão dorme. O velho volta a sua árvore. A pulsação do dragão é lenta. Tudo é treva. Ouve-se a flauta de Letícia. O velho sai de sua árvore com o lampião e o balde em direção ao rio. A floresta é inundada pela música de Letícia. Entra Cirilo todo dolorido pela surra que levou dos guardas. O velho volta do rio com a água.)

VELHO - Então, como está esse traseiro, muito dolorido?

CIRILO - Bastante.

VELHO - É melhor preparar logo uma salmoura pra passar ai.

CIRILO - Mas a salmoura não arde?

VELHO - Arde.

CIRILO - Ah não, se arde eu não quero.

VELHO - O que arde cura, e o que aperta segura.

CIRILO - (tentando sentar-se) Ai, não dá nem pra sentar.

VELHO - Espera aí. Vamos dar um jeito nisso.

CIRILO - Não, não precisa se incomodar. Pode continuar molhando a sua árvore. Já vai passar. Já passou. Ó, quer ver? (Senta-se. Num salto) Ai, ai, ai, ai.

VELHO - Já volto.

CIRILO - Não se incomode comigo. Molhe a sua árvore.

VELHO - Não disse que não demorava nada? Aqui está. Vamos ver. Deixa ver.

CIRILO - Sabe que não tá mais doendo? Nem um pouquinho.

VELHO - Que bom. Então nós podemos passar salmoura que não vai arder. Vamos ver?

CIRILO - Ui, aui, aui!



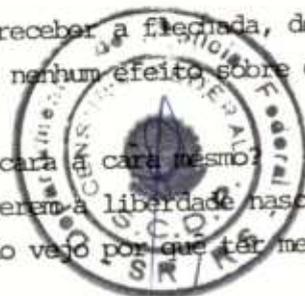
- VELHO - Pára, senão não dá para passar direito.
- CIRILO - Ui, ui, ui, ui, ui, assopra, assopra!!!
- VELHO - Pronto, pronto, pronto. Agora não vai doer mais.
- CIRILO - Puxa, se isso cura então não sei. Ai!
- VELHO - Deixa de fazer fita. Segura aqui a caneca. Deixa eu terminar de molhar as raízes e vamos entrar. Tenho que preparar uma coisa para Letícia.
- CIRILO - Será que é difícil tirar ela de lá?
- VELHO - É sim.
- CIRILO - Mas a corrente não parece ser tão grossa, e tá toda enferrujada.
- VELHO - É melhor não se aproximar da caverna.
- CIRILO - Mas nós temos que ajudar a Letícia a sair de lá.
- VELHO - A Letícia sabe que se parar de tocar agora, toda a cidade desmorona. E com isso ela morre também.
- CIRILO - Mas se a gente quebrar a corrente, ela corre e não é soterrada pelas pedras.
- VELHO - Escuta, Cirilo. Faça o que estou pedindo. Não se aproxime da entrada da caverna. Existe outro perigo além do desmoronamento.
- CIRILO - Que perigo é este?
- VELHO - O hálito do dragão.
- CIRILO - O que que é?
- VELHO - O hálito. O bafo do dragão. A pessoa que for atingida pelo hálito do dragão, cairá em sono profundo para o resto da vida.
- CIRILO - E não vai acordar nem daqui dois anos?
- VELHO - Não.
- CIRILO - Mas fica dormindo pra sempre mesmo?
- VELHO - Fica.
- CIRILO - Que bom. Assim a gente não precisa acordar cedo pra ir pra escola.
- VELHO - Eu sei. Mas te afasta da entrada da caverna.
- CIRILO - Eu fico com uma pena de ver a Letícia ali, acorrentada. Coitada.
- VELHO - Com o tempo tudo se ajeita. Não se preocupe com isso agora. Venha, vamos fazer alguma coisa para comer.
- CIRILO - E o que é que o senhor vai fazer de comida?
- VELHO - Humm! Deixe ver... Acho que uns bifés de perereca.
- CIRILO - Ecs, ecs, ecs!
- VELHO - Tome, traga água. Vamos fazer uma boa sopa de batatas.
- CIRILO - Oba! Eu vou ficar mais um pouco aqui fora. Vou ficar olhando o rio. Ele tá tão bonito.
- VELHO - É. Muito bonito. Quando estiver pronta a sopa eu te chamo.
- CIRILO - Tá. Eu já vou.
- (Velho entra. A música da flauta de Letícia inunda toda a cena.)
- CIRILO - Ah, eu posso pegar duas pedras e bater na corrente até ela quebrar. Não se preocupe, Letícia, já vou te tirar daí.
- LETÍCIA - Cirilo! O que é que tu estás fazendo aqui?
- CIRILO - Vou pegar umas pedras. Continue tocando. Vou te salvar, já-já.
- VELHO - O que está acontecendo? Cirilo, onde está você?



- LETÍCIA - Volta, Cirilo, volta!
- DRAGÃO - FFFFFFFFFFFFFFFSSSSSSSSSSSS!!!
- LETÍCIA - Socorro, socorro!
- VELHO - Cirilo!
- LETÍCIA - Ele desmaiou na entrada da caverna.
- DRAGÃO - GGGGGGRRRRRRRR!!!
- SOBNA - Silencio! Será possível que não se pode mais dormir nessa terra? Silencio. Eu decreto o silencio.
- DRAGÃO - GGGGGGRRRRRRRR!!!
- MULHER - Tá sacudindo, tá sacudindo tudo! Socorro!
- HOMEM - Fuja, fuja, o dragão está se mexendo!
- SOBNA - Toque a flauta! Toque! Você quer nos soterrar a todos ? Toque, toque!
- DRAGÃO - GGGGGGGGGRRRRRRRRRR!!!
- SOBNA - Toque a flauta! Acudam, acudam!! Toque. Toque. Toooque!
- VELHO - É melhor você começar a tocar, senão os gritos dela é que vão fazer desabar tudo.
- (Letícia toca, o dragão se aquieta, o velho vai até Cirilo.)
- SOBNA - Tudo sob controle. Reina a mais perfeita ordem e segurança em Fartura, meus amados súditos. E eu lhes digo (bocejo) boa noite.
- VELHO - Não podemos fazer nada. Ele realmente adormeceu para sempre. Eu estava preparando uma poção para destruir as correntes.
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§ ?
- VELHO - Não, nada mais resta a fazer.
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§ !
- VELHO - Pare de se culpar. Você não poderia impedi-lo.
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§ !!
- VELHO - Eu também estou muito triste.
- LETÍCIA - Ele não deveria.
- DRAGÃO - GRRRRRR!
- SOBNA - Não pare de tocar, sua preguiçosa. Mas será o pé do bicho?
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§§ !
- VELHO - Preste atenção, Letícia. Agora me incomodei. Vamos dar um jeito já, já, nesta situação.
- FLAUTA - !!!!!!!!!!!!!
- DRAGÃO - FFFFFFFFFFFFFFFSSSSSSSSSS!
- VELHO - PPPPPSSSSSSSSSS! (Entra na árvore e traz seu pano encantado. Estende-o sobre o chão e começa sua invocação aos deuses.) Grandes seres da luz! Espíritos do amor e da paz! Iluminai a minha consciência para que a fé e a justiça se façam presentes na minha ação. Que somente o amor guie os meus pensamentos e ações. Luz! Luz! Luz! A luz da força e do poder se façam presentes para derrubar todo o mal que envolve esta terra! (grandes flashes de luz brilham por toda a floresta. Seres resplandescentes aparecem à invocação, dando a todo ambiente uma atmosfera de sonho, fantasia, grande beleza e magia. O velho fica todo iluminado. Grande silêncio quebrado apenas pela flauta de Letícia que volta a se ouvir.) Letícia, ouça com atenção. Cirilo



- macia que você a arrebentará como se fosse de papel.
- CIRILO - Mas isso funciona mesmo?
- VELHO - Por que não experimenta?
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§ !!
- CIRILO - Olha, Letícia, como eu tenho força. Olha. A corrente está se quebrando. Você está livre, Letícia, livre!
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§ !!
- VELHO - Prestem atenção, meninos! Esta é a parte mais perigosa do plano. Vocês entrarão na caverna. Letícia, procure tocar o mais suavemente possível. Enquanto você, Cirilo, arranca os fios da barriga do dragão.
- CIRILO - Ai, por que é que eu nunca quis aprender a tocar flauta? (para Letícia) Não dá pra trocar, né?
- VELHO - Lembrem-se, qualquer descuido e tudo estará perdido.
- CIRILO - Inclusive nós.
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§ !
- VELHO - Vamos meninos, entrem na caverna.
- (Meninos desaparecem na caverna. Música mais profunda e alguns mucochos do dragão.)
- CIRILO - (para o velho, na entrada da caverna) Quatro, já temos quatro. Não chega? Não, não chega. Vou lá de novo. (voltam da caverna correndo) Ai, o danado deu uma rebolada que quase me esmagou. Olha, por um triz a gente não viu um bifinho embaixo do dragão. Olha, a gente já tem seis, não chega? Não, né? Não? Não. (Nova revirada do dragão com muito brilho na caverna, está querendo acordar. Música mais incisiva. Meninos saem correndo da caverna.) Ai, ai, minha nossa senhora. Que susto! Não sei porque eu fui inventar de puxar um fio do sovaco do dragão. Ai, ele quase me acertou uma patada.
- VELHO - E os fios? Conseguiram todos os fios?
- CIRILO - Aqui estão.
- VELHO - Letícia, está perto a hora em que você tocará sua flauta somente por prazer. Fique mais perto da caverna enquanto eu e Cirilo trançamos os fios para o arco.
- CIRILO - Eu seguro aqui. Não, é melhor o senhor segurar e eu trançar.
- VELHO - Sim, acho que assim é melhor.
- CIRILO - Pronto, agora é só colocar no arco e ... Pronto, está tudo pronto.
- VELHO - Venha, vamos até Letícia. Meninos, esta é a terceira e última etapa do plano. Vocês terão que acertar com uma dessas flechas o coração da maldade do dragão. Para isso, você precisa parar de tocar, Letícia.
- CIRILO - Mas se ela parar de tocar o dragão acorda.
- VELHO - Isso mesmo, ele precisa estar acordado para receber a flechada, do contrário as flechas perdem a magia e não terão nenhum efeito sobre o dragão.
- FLAUTA - §§§§§§§§§§§§§§ ??
- CIRILO - Então a gente vai ter que enfrentar o bicho cara a cara mesmo?
- VELHO - Se for bastante sincera a vontade de vocês verem a liberdade nascer com a luz do sol se espalhar por toda a cidade, não vejo por que ter medo do dra-



- LETÍCIA - Então aproveita e... lá vai a segunda flechada. Zzzzooooiiiiinnn!!
- DRAGÃO - GGGGGGGGUUUUUUURRRRRRURURURURURURURU !!!
- LETÍCIA - Cuidado Cirilo, ai vem ele. Salta, salta!
- CIRILO - Minha nossa, vem Letícia, vamos atirar a terceira flechada. Aí, seu dragão. Toma essa.
- OS DOIS - Zzzzzuuuuuuu mnnnnnnnnnnnnnnnnnnn!!
- DRAGÃO - GGGGGGGGRRRRRRRRRRRRRRR BBBBBBBBUUUUMMMMMMMMMMM!!!
- VELHO - Afastem-se da caverna, meninos. Venham para cá. Muita coisa ainda vai acontecer.

(Ouve-se uma grande explosão dentro da caverna. O dragão explode em mil pedaços, lançando cores e luzes para todos os lados. Aos poucos, vão saindo as pessoas que haviam sido devoradas pelo dragão.)

- LETÍCIA - Olha só o buracão que ficou no morro com a explosão do dragão.
- CIRILO - Ué, de onde tá saindo toda aquela gente?
- VELHO - São as pessoas que foram engolidas pelo dragão. Agora estão livres.
- LETÍCIA - Então a minha mãe também?
- VELHO - Sim Letícia, ela também. Olhe!
- NATÁLIA - Letícia, minha filha, pensei nunca mais poder vê-la.
- CIRILO - Então o dragão já tinha engolido toda essa gente?
- NATÁLIA - Agora todas as pessoas estão livres.
- CIRILO - Vamos lá ver como ficou a caverna, Letícia?
- VELHO - É melhor ficarem aqui. Quando a última pessoa sair da caverna, todo o morro vem abaixo.
- CIRILO - Minha família, tenho que correr e avisar a minha família.
- LETÍCIA - Eu vou junto, espere.
- CIRILO - Não, Letícia, fica com a tua mãe, eu vou sozinho.
- VELHO - Não se preocupe, tudo acontecerá a seu tempo.
- LETÍCIA - A terra está tremendo.
- NATÁLIA - Não se assuste, fique perto de mim.
- VELHO - Agora virão os últimos acontecimentos. E logo depois o sol voltará a brilhar. E pela manhã, as aves procurarão outros ninhos.
- LETÍCIA - Olhem! A cidade está desmoronando. Cirilo, Cirilo!
- NATÁLIA - Letícia, volte. Letícia!
- LETÍCIA - Eu tenho que procurar Cirilo.
- VELHO - Não se preocupe, ele estará bem. Nada de mal poderá lhe acontecer.
- LETÍCIA - A cidade toda se espalhou aqui embaixo.
- NATÁLIA - Todo o morro se transforma numa grande planície.
- LETÍCIA - O céu começa a clarear. Então...
- VELHO - Sim, Letícia, está amanhecendo. Logo será dia.
- LETÍCIA - E nós vamos poder tomar banho no rio.
- NATÁLIA - Vamos esperar que a paz volte a reinar novamente em nossa cidade.
- LETÍCIA - Chi, é melhor sair daqui. Olha quem vem lá!
- (Afastam-se. Entram Sobno e Sobna.)
- SOBNA - Ingratos, mal-agradecidos, nojentos! Depois de tudo que fizemos pelo bem de todo povo. O desafôro! Se recusam a contruir um novo palácio pa-



- ra o seu digníssimmo Sobno.
- SOBNO - (vênia) Que azar, que azar dos azares. Somente o meu castelo desmoronou. Você viu? Nenhuma casa sequer rachou uma parede e, do meu castelo, não ficou pedra sobre pedra. É uma grande tragédia. E tão trágica.
- SOBNA - Tragessíssima!!! Oich!
- SOBNO - E ainda têm a petulância de dizer que não precisam mais de mim. Me sacrifiquei todos esses anos e pra quê? Agora, me dão um chute no traseiro. Sem aposentadoria, sem fundo de garantia. Oh, como sou infeliz!
- SOBNA - Amado e digníssimmo Sobno.
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - Por favor, não perca seu real humor. Eu sempre lhe disse que eles não passavam de um bando de fedorentos.
- SOBNO - Traído, traído, oh!
- SOBNA - Tranqüilize-se, digníssimmo Sobno.
- SOBNO - (vênia)
- SOBNA - Haveremos de encontrar um outro lugar onde possamos provar toda a nossa augusta bondade.
- SOBNO - Os tempos estão difíceis. Já não existem súditos como antigamente. Sem castelo, sem súditos, enfim, ... desempregado. Ai! Ai!
- SOBNA - Ui! Ai! Ai!
- SOBNO - Ui! Ai! Ai!
- SOBNA - Aich, aich, uich, aich!
- SOBNO - Uich, uich, aich, uich!
- SOBNO - Aich, eich, ich, oich, uich!
Uich, uich, aich, uich!
Aich, aich, uich, aich!
Aich, eich, ich, oich, uich!
- LETÍCIA - Tomara que não voltem mais.
- NATÁLIA - Vamos esperar que não voltem.
- VELHO - É.
- LETÍCIA - Ei. Os meninos vem vindo pra tomar banho no rio. Lá vai o Cirilo. Ô, Cirilo. Cirilo!
- CIRILO - Ôh, o povo tá todo feliz. O meu pai está muito contente. Agora não precisa mais carregar água de carroça ladeira acima. Diz que vai até mudar de profissão.
- LETÍCIA - O que é que ele vai fazer?
- CIRILO - Vai abrir poços na aldeia.
(Todos riem.)
- NATÁLIA - Letícia, temos que ver como ficou a nossa casa. Vamos indo?/oia
- LETÍCIA - Mas antes eu queria tomar banho no rio, posso? Por favor, diga que sim.
- NATÁLIA - Mas Letícia,
- LETÍCIA - Por favor, mãe!
- NATÁLIA - Está bem.
- CIRILO - Quem chega por último é amigo do Sobno.
(Correm em direção ao rio.)



- NATÁLIA - Muito obrigada.
VELHO - Muito obrigado, por quê?
NATÁLIA - Até logo.
VELHO - Até logo.

(Mãe sai. Ouve-se a gritaria dos meninos que tomam banho no rio. A floresta está cada vez mais iluminada pela luz do sol. Seres elementais vão aparecendo por detrás das árvores, borboletas voltam a voar pela floresta. A deusa da floresta e os seres elementais dançam ao som de uma bela música que se espalha por toda a cena. O velho aparece com o balde na mão em direção ao rio. Os seres o convidam para dançar, ele recusa. Eles insistem. Ele fica todo mal-humorado. Eles não saem de sua volta, insistindo. Ele pára brusca-mente, atira o balde para cima e sai dançando com eles. Todos dançam.)

-- f i m --

